



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TATIANA RAMALHO DA SILVA

**TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA QUILOMBOLA: ESCRIVIVÊNCIAS NA
COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE, HORIZONTE – CEARÁ**

**ACARAPE – CE
2023**

TATIANA RAMALHO DA SILVA

**TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA QUILOMBOLA: ESCRIVIVÊNCIAS NA
COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE, HORIZONTE – CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliane Costa Santos.

**ACARAPE – CE
2023**

TATIANA RAMALHO DA SILVA

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Sistema de
Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Tatiana Ramalho da.S578t

Trajetória educacional de uma quilombola: escrevivência na comunidade de Alto Alegre Horizonte, Ceará / Tatiana Ramalho daSilva. - Redenção, 2023. 66f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Eliane Costa Santos.Prof^o. Me. Antonio Jeovane da Silva.

1. Autobiografia. 2. Quilombo. 3. Memória. I. Título CE/UF/BSP

CDD 808.883

TATIANA RAMALHO DA SILVA

**TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA QUILOMBOLA: ESCRIVIVÊNCIAS NA
COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE, HORIZONTE – CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Aprovada em: 06/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Eliane Costa Santos (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^º. Me. Antonio Jeovane da Silva Ferreira (Co-orientador)

Prof^ª, Dra. Jacqueline da Silva Costa (Examinadora interna)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^ª. Francisca Marleide do Nascimento (Examinadora externa)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por me permitir chegar até aqui. Sonhei muito com esse dia. Nos meus sonhos ele era diferente do que foi. Aprendi que podemos planejar muitas coisas, mais quando você tem um coração voltado para a espiritualidade tudo ocorre como ele quer. Ainda bem!

Então, meu agradecimento vai para tudo aquilo que me envolveu nesta escrita: os lugares, as pessoas, as dores, os medos, os choros, as perdas e as conquistas.

Quero agradecer a minha família que mesmo de maneira indireta me ajudou muito nessa caminhada, em especial meus irmãos, Tatiara Ramalho de Oliveira, Tais Chagas Ramalho e Taecio Chagas Ramalho; meus sobrinhos, Khiuane, Khiara, Erik e Ludiane; meu cunhado Magno Salvino. Obrigada pela acolhida quando precisei.

Aos meus tios/as e primos/as que sempre perguntavam como eu estava indo na Universidade e sempre diziam que tudo ia dar certo, e deu. Obrigada pelo apoio.

Ao meu avô (vô-pai), Manoel Chagas, por tudo que tens feito por mim. Aos meus avós paternos e meu pai, mesmo não estando mais aqui, sei que estariam e estão felizes por mim.

Aos meus companheiros de luta Jeovane Ferreira e Marleide Nascimento, muito obrigada por tudo que vocês fizeram, vocês foram muito importantes nesse processo. À Tainara, Carlinha e Nina por compartilharem tantas coisas boas comigo.

Aos meus amigos indígenas e quilombolas que foram da primeira entrada pelo edital específico para indígenas e quilombolas: Gustavo, Clara, Lucas, Mauricio, Samara, Maria e Marinete.

Aos professores/as que sempre estiveram ao nosso lado, dando direcionamento, ensinamentos e partilhando coisas boas. Gratidão!

Ao meu namorado, Wendson Silva, obrigada por me ajudar tanto nesse processo. Obrigada, por cuidar de mim e dos nossos filhos pet, T'Challa, nosso anjinho, a nossa Shuri e Kenai.

Em especial, quero agradecer a minha orientadora Eliane Costa. Obrigada por tantas coisas boas que compartilhou comigo e por aceitar estar nesta jornada.

Gratidão a todos vocês!

RESUMO

O presente trabalho traz a vivência educacional de uma quilombola através da memória afetiva com seu território, com as narrativas de seus mais velhos que compartilham os saberes, sabores e fazeres da comunidade que foi herdada por seus ancestrais, fortalecendo a identidade de cada sujeito pertencente ao lugar. Traz luz a elementos que são importantes e precisam ser abordados para que possam construir caminhos de acessão dos saberes sagrados como ações educativas.

Palavras-chave: Autobiografia, Quilombo, Memória, Educação.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	– Tatiana Ramalho.....	12
Fotografia 2	– Quilombo de Alto Alegre.....	14
Fotografia 3	– Meus avós/pais, com meu primo Moésio Silva.....	17
Fotografia 4	– Máquina de costura que era da minha mãe-avó.....	18
Fotografia 5	– Meu vô-pai, no seu quintal.....	20
Fotografia 6	– Paizinho e vovó.....	22
Fotografia 7	– Meu pai e eu.....	22
Fotografia 8	– Tatiara e eu.....	23
Fotografia 9	– Khiuane, Khiara, Tatiara e eu.....	23
Fotografia 10	– Mural de fotografias da família.....	24
Fotografia 11	– Meus irmãos e eu.....	26
Fotografia 12	– CEI Maria José Alves da Silva.....	27
Fotografia 13	– Pintura da minha mãe na ARQUA.....	28
Fotografia 14	– Profª. Neta, Alexsandra, Khiara e eu.....	31
Fotografia 15	– Roda de conversa sobre Educação Quilombola.....	35
Fotografia 16	– Minha avó-mãe.....	37
Fotografia 17	– Encontro Estadual Quilombola.....	39
Fotografia 18	– Reunião durante a Conferência de Igualdade Racial.....	40
Fotografia 19	– Reunião entre o movimento quilombola e a Unilab.....	40
Fotografia 20	– Participando do Centro Acadêmico de Pedagogia.....	43
Fotografia 21	– Carlinha, Tainara e eu.....	44
Fotografia 22	– Tainara, Nina, Carlinha e eu.....	44
Fotografia 23	– Quilombolas de Alto Alegre, Base e Sítio Veiga.....	44
Fotografia 24	– Almoço coletivo entre indígenas e quilombolas.....	45
Fotografia 25	– Projeto de apoio às atividades escolares.....	49
Fotografia 26	– Biblioteca comunitária quilombola.....	49
Fotografia 27	– Acervo de literatura negra.....	50
Fotografia 28	– Primeira oficina: miolo de pote.....	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trajetória de Negro Cazuza.....	15
Figura 2 – Cazuzinha.....	47
Figura 3 – Palavras e Afetos no Quilombo.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	MEU LUGAR DE FALA: LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE.....	13
2.1	Minha infância com meus avós.....	16
2.2	Meus avós paternos e meu pai.....	20
2.3	Paizinho.....	24
2.4	Vovó.....	24
2.5	Meu pai.....	25
3	TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA QUILOMBOLA: ENCRUZILHADAS QUE SE ENCONTRAM.....	27
3.1	Para minha mãe.....	28
3.2	Escola Batista.....	30
3.3	Escola Olímpio Nogueira Lopes.....	32
3.4	Ensino Médio.....	36
3.5	CEJAH.....	38
3.6	UNILAB.....	41
4	SABERES DA UNIVERSIDADE E SABERES DA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE: CAMINHOS QUE SE CRUZAM.....	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
	ANEXO A – MEMORIAL DESCRITIVO.....	56
	ANEXO B – BIOGRAFIA DA SRA. ANTÔNIA RAMALHO DA SILVA....	60
	APÊNDICE – FOTOS.....	62

INTRODUÇÃO

Peço licença aos meus mais velhos e aos meus mais novos para compartilhar sobre nosso território, sobre nossa história, nossas riquezas. Este é um trabalho autobiográfico que traz a narrativa de uma quilombola e sua trajetória educacional, tanto na escola como na comunidade. A escrita é uma ferramenta importante para eternizarmos as vivências, os saberes, fazeres e o jeito de ser do povo quilombola. Às vezes nós nos negamos a fazer nossas escritas e narrativas por que já nos apontam como sentimentalistas, que não sabemos escrever, que sempre nos colocamos muito nos nossos escritos e que levamos nosso emocional.

Quando eles falam, é científico; quando falamos, não é científico. Quando eles falam, é universal; quando falamos, é específico. Quando eles falam, é objetivo; quando falamos, é subjetivo. Quando eles falam, é neutro; quando falamos, é pessoal. Quando eles falam, é racional; quando falamos, é emocional. Quando eles falam, é imparcial; quando falamos, é parcial. Eles têm fatos, nós temos opiniões. Eles têm conhecimentos, nós temos experiências. (KILOMBA, 2019, p. 52)

Neste trabalho abordo pontos que são de dor, de perdas e de racismo. Trago a vivência do meu território, meu olhar e sentir do meu lugar de cura, acolhimento: um lugar de afeto. Enfatizo na minha escrita a amorosidade de ser pertencente à comunidade Quilombola de Alto Alegre, localizada no município de Horizonte, Ceará. A –escrivivênciall, a partir de Conceição Evaristo, nos permite falar a partir de nós, a partir do nosso lugar, dos nossos mais velhos e mais novos.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para deleite de seus filhos. E se a voz de nossos ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, –a nossa Escrivivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustosll. Nossa Escrivivência traz experiência, a vivência de nossa condição de pessoas brasileiras de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. (EVARISTO, 2020, p. 30).

Essa conexão com os povos africanos e a diáspora vivenciei na Universidade. Encontrei pessoas importantíssimas para minha caminhada acadêmica, pessoas que me inspiram e me potencializaram. Professoras e professores que me acolheram nas salas de aula, nos corredores. Muitas vezes estava completamente perdida e elas/es em suas aulas me apresentaram autoras que dialogavam com assuntos que me fortaleciam. Gosto de autoras que trazem suas narrativas para o espaço acadêmico, assim como Conceição Evaristo, Grada

Kilomba, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Chimamanda Ngozi Adichie, Carolina Maria de Jesus entre outras autoras e autores.

Todos os professores do curso de Pedagogia foram muito especiais para mim, mas não posso deixar de citar os meus professores negros/as, doutores/as, escritores/as, cientistas sociais, pesquisadores/as, intelectuais, que me impulsionaram na busca por ser uma pedagoga com referências negras para assim contribuir com a minha comunidade da melhor maneira possível. Ivan Costa, que foi meu orientador no Programa Institucional de Bolsas Iniciação Científica (PIBIC), Carolina Bernardo, Jacqueline Costa, Rosangela Ribeiro e minha queridíssima orientadora professora Eliane Costa.

Ao escrever este trabalho tive vários momentos de incertezas e choros. Pensei em desistir inúmeras vezes, pensei em mudar o tema, pois me senti perdida. Parava, respirava e me perguntava: Por que estou escrevendo? Por que escolhi esse tema? Por que falar sobre minha trajetória educacional é importante? Depois que me acalmava, voltava e escrevia. Mas, no dia 29 de janeiro de 2023, me perdi completamente, chorei e perguntei por que minha escrita não é acadêmica? A resposta foi instantânea. Pois eu estava olhando pelo olhar dos outros, pela perspectiva de uma visão que eu não consigo fazer, mas que isso não quer dizer que a minha escrita seja errada.

Pedi que a minha ancestralidade me direcionasse. Esvaziei meu pensamento, silencieei a voz da dúvida, do opressor que eu tinha alimentado e desse jeito cheguei à resposta. Existem caminhos que percorremos e que não entendemos, mas que estão alinhados aos planos de nossas vidas para que eu continuasse a escrita do jeito que meu coração direcionasse. Quero trazer um poema que conheci na Universidade e que trago sempre que preciso fazer minhas escritas.

Enquanto eu escrevo

Grada Kilomba

Às vezes eu temo escrever.
 A escrita adentra o medo
 Para que eu não possa escapar de tantas
 Construções coloniais
 Nesse mundo
 Eu sou vista como um corpo que
 Não pode produzir conhecimento
 Como um corpo fora do lugar
 Eu que, enquanto escrevo.

Cada palavra escolhida por mim
 Será examinada E, provavelmente, deslegitimada.
 Então, por que eu escrevo?
 Eu tenho que fazê-lo
 Eu estou incrustada numa história
 De silêncios impostos,
 De vozes torturadas,
 De línguas interrompidas por
 Idiomas forçados e
 Interrompidas falas
 E eu estou rodeada por
 Espaços brancos,
 Onde dificilmente eu posso adentrar e permanecer.
 Então, por que eu escrevo?
 Escrevo, quase como na obrigação
 Para encontrar a mim mesma
 Enquanto eu escrevo
 Eu não sou o Outro
 Mas a própria voz
 Não o objeto
 Mas o sujeito.
 Torno-me aquela que descreve
 E não a que é descrita
 Eu me torno autora,
 E a autoridade
 Em minha própria história
 Eu me torno a oposição absoluta
 Ao que o projeto colonial predeterminedou
 Eu retorno a mim mesma
 Eu me torno.

(Tradução livre do texto "WHILE I WRITE" de Grada Kilomba, feito por Anne Caroline Quiangala (UNB).
 Disponível em: www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w)

Então, aqui trago um pouco sobre mim, como eu estou e quero que me conheçam no
 hoje para depois entrarmos na minha trajetória e os caminhos que trilho pensando o amanhã.
 Sou Tatiana Ramalho da Silva, tenho 35 anos, mulher preta e retinta, Quilombola do
 quilombo de Alto Alegre, localizado no município de Horizonte, Ceará.

Fotografia 1 – Tatiana Ramalho**Foto:** Arquivo pessoal

Pedagoga por formação, filha de Maria José da Silva e Aldenir Ramalho da Silva, neta de Raimunda Alves da Silva e Manoel Chagas da Silva (avós maternos); Antônia Ramalho da Silva e Cirino Agostinho da Silva (avós paternos), sou a sexta geração de Negro Cazuzza e Cristina que fundaram essa comunidade. Trabalhei voluntariamente na Associação dos Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e Adjacências (ARQUA), no período de 2013 a 2018, saindo para estudar na Unilab em Redenção, Ceará.

Apesar da saída, sempre aos finais de semana em que estava na comunidade participava das atividades. A associação quilombola na minha vida foi um divisor de águas, foi através dela que conheci muitas pessoas que foram essenciais para as conquistas que obtive; entrar na universidade foi uma delas. Atualmente estou como vice-presidente da ARQUA, coordenadora de projetos e na luta coletiva. Estou participando da Comissão de Acompanhamento de Estudantes Indígenas e Quilombolas da Unilab e também do Coletivo de Estudantes Quilombolas do Ceará (CEKUCE).

Tenho dois projetos pessoais que são importantes para mim, os dois nasceram no período da pandemia onde passei por muitos momentos difíceis que me fizeram perceber que precisava contribuir de alguma maneira com os meus, que precisava potencializar o que temos de belo nos nossos territórios. O *-Palavras e Afeto no Quilombol*, que nasceu a partir da identificação das palavras que me afetaram positivamente e que fortaleceram minha identidade quilombola, rompendo com as amarras que me impuseram. E o projeto *-Saberes Quilombola com Cazuzinha*, que fez nascer um menino lindo, uma homenagem ao nosso

ancestral. Cazuzinha é um guardião da oralidade, da narrativa dos nossos mais velhos, dialogando com as nossas crianças e juventude sobre os saberes, fazeres e sabores da comunidade que passam de geração a geração. Cazuzinha veio da ausência de uma referência infantil quilombola. Ele consegue viajar no tempo, indo para o quilombo de ontem e ao mesmo tempo estar no quilombo de hoje, para juntos pensarmos no quilombo de amanhã utilizando o poder do símbolo africano sankofa. Fiz um pouco dessa apresentação para que possamos mergulhar juntos/as nas minhas escrivências (EVARISTO, 2020).

2. MEU LUGAR DE FALA: LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE

Quilombo lugar de cura, de saberes ancestrais, de musicalidade, espiritualidade, conexão, paixão, lugar de oralidade, fazeres que são passados de geração a geração; quilombo meu lugar. A vida na comunidade tem me proporcionado tantas coisas boas que fortalecem a identidade quilombola que construí. Os saberes herdados dos ancestrais têm me feito observar e apreciar cada momento vivido dentro do meu lugar, do meu quilombo. As comunidades quilombolas estão em quase todos os estados do nosso país, menos em Acre e Roraima¹. Os territórios estão cheios de histórias, lutas e riquezas materiais e imateriais. Temos uma organização nacional, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ.

Em 1995, houve o primeiro encontro das comunidades negras rurais quilombolas durante a marcha Zumbi dos Palmares, depois desse momento a CONAQ vem desenvolvendo trabalhos para o fortalecimento das comunidades quilombolas do nosso país, sendo que em cada estado há uma coordenação. A nossa no estado do Ceará é a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará (CEQUIRCE). Caminhamos juntos em busca dos direitos que nos foram negados, especialmente em um estado, como o Ceará, que todo tempo tenta desvalidar a existência de negros, especialmente a dos povos quilombolas.

No entanto, o -fimll da escravidão tão promovida no Ceará influenciou a concepção de que -por aqui não havia/há mais negros/asll e, até então, sequer se falava em quilombolas. Mesmo diante deste contexto de -negaçãooll, -ausênciaoll e -invisibilidadeoll da população negra/quilombola neste Estado, conforme destaca Ratts (2009), é somente a partir dos anos 1980 que haverá a mobilização entorno da -emergênciaoll das comunidades quilombolas, ou ainda, como sublinha o autor, -a longa descoberta dos quilombosll (RATTS, 2009, p. 9) em todas as regiões do Ceará,

¹ Dados da Fundação Cultural Palmares disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protacao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>. Acesso: 03 mai, 2022.

acompanhando ainda a organização do Movimento Negro cearense e dando força para o Movimento Quilombola, representado pela Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará (doravante, Cequirce). (FERREIRA; NASCIMENTO; RAMALHO, 2020, p. 138).

Em nossas articulações temos a Comissão Interinstitucional de Educação Escolar Quilombola que vem dialogando com a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC), as Secretarias Municipais de Educação (SME's) e as lideranças quilombolas para que juntos possamos implementar a Educação Escolar Quilombola nos territórios.

Neste ponto apresento meu quilombo, Alto Alegre, que fica no município de Horizonte, Ceará, cerca de 45km de Fortaleza, nossa capital cearense. O nome vem das festas alegres que aconteciam no alto onde ficava a casa de taipa que ocorria o famoso forró de chão batido. Mesmo com tantas coisas sofridas que passaram, as pessoas daqui de fato são alegres, outros chamam de -acanaiaadosll, porém vejo como pessoas alegres que independente das dores o sorriso é uma de nossas riquezas, oferecemos para aqueles que fazem parte do nosso dia a dia. Mas, não se preocupem, também sabemos ficar de cara fechada, principalmente quando sentimos que a energia não é boa.

Fotografia 2 – Quilombo de Alto Alegre



Fonte: Arquivo pessoal.

Agora vou compartilhar a história que o meu avô escutou do seu mais velho e um dia repassou para nós, essa mesma história se encontram em alguns trabalhos acadêmicos que eu poderia referenciar, mas sinto que a referência que devo fazer é ao meu avó, Cirino Agostinho da Silva, bisneto de Cazusa.

Contam os mais velhos que Cazuzo veio trazido de África, foi retirado de suas terras e de sua família para ser escravizado no Brasil, assim como muitos de seus irmãos africanos. Ele passou noites e dias no navio, mas quando este atracou na Barra do Ceará, ele pulou juntamente com mais seis homens. Ele veio correndo e parou nas -bandas de cáll, onde foi capturado a dente de cachorro pelos capitães do mato, na Lagoa do Saco, onde hoje é o açude do Horácio. Depois ele foi amarrado e açoitado durante três dias e três noites, após esse triste episódio ele foi acolhido pela comunidade indígena existente no município de Pacajus. Ele foi cuidado e com o passar do tempo se apaixonou e casou com uma linda mulher indígena. Com o dote, compraram um terreno, onde hoje está localizada a comunidade quilombola de Alto Alegre (em Horizonte) e Base (Pacajus). As duas comunidades são irmãs, filhas de Cazuzo e Cristina. Depois da emancipação do município de Horizonte em 1987, aconteceu a separação dos municípios, mas as comunidades continuam unidas, vivas e resistindo a cada dia.

Figura 1 – Trajetória de Negro Cazuzo



Fonte: Ferreira (2017).

Eu ouvi sobre essa história a primeira vez em 2005, quando começaram a falar sobre quilombo através da Professora Cecília Holanda. Deste então, os meus mais velhos começaram a falar sobre Cazuzo. Foi um despertar, uma lembrança coletiva dos nossos

mais velhos. Lembro que uma vez veio algumas pessoas conhecer a comunidade, eram homens e mulheres, engenheiros, agrônomos e antropólogos, um detalhe que deixou muitas pessoas da comunidade admiradas foi que eles/as eram negros/as e com profissão de pessoas brancas, esse foi o meu pensamento.

Quando a comunidade conseguiu o reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares, continuamos na vida que já tínhamos e ao mesmo tempo iniciamos uma nova vida, o diferencial foi que começamos a contar com pertencimento e orgulho quem somos, sobre a origem do nosso lugar, voltado para dentro, para o nosso saber, para a nossa história. Hoje, através da oralidade que meus mais velhos partilham, percebo que houve uma tentativa de apagamento da história, da vida, dos saberes e fazeres com a chegada do cristianismo dentro do nosso território. A comunidade há uns 80 anos atrás, na época que meu avô-pai Manoel Chagas da Silva (conhecido como Nezo) tinha apenas cinco anos de idade era muito difícil a situação, ele conta que na sua juventude sempre esteve nos movimentos dentro da comunidade, se juntavam homens e mulheres e iam procurar benefícios para nossa localidade.

2.1. Minha infância com meus avós

Para algumas pessoas rememorar a infância é um processo doloroso, para outros é uma coisa boa e existem aqueles que têm os dois lados. Eu me encaixo nos dois lados, pois tive momentos de dor e momentos de coisas boas. E quero aqui trazer algumas memórias da infância que fazem parte da minha vida adulta, que me acompanham e direcionam. Percebi que a infância é uma fase da vida que estará sempre presente em nós, basta acessar as lembranças que ela estará ali, viva, ativa, presente.

Fui criada rodeada de muito amor, pelos meus avós maternos, Raimunda Alves da Silva e Manoel Chagas da Silva (que chamo de mãe e pai). Lembro com carinho da nossa casa que era feita de taipa, grande e pintada de amarelo. Lembro do cheiro das rosas que minha mãe plantava; do som que as vacas e as ovelhas faziam (que às vezes me irritavam, confesso); das músicas que minha mãe cantarolava; das brincadeiras no quintal de casa com minha irmã e os primos; dos fazeres da roça que meu pai cuidava; onde plantava e colhia alguns de nossos alimentos. Sempre seguindo a rotina, em movimento, era assim os dias.

Fotografia 3 – Meus avós/pais, com meu primo Moésio Silva.



Fonte: Arquivo pessoal.

Minha mãe era costureira. Com sua máquina fazia coisas lindas. Ela tinha seu cantinho da costura que ora estava na sala de estar, ora na sala de jantar. Cuidava da casa e no sossego da tarde ia costurar. Entrando a noite cuidava da janta e depois retornava para a máquina e eu sempre ficava em sua companhia, brincava enquanto a esperava organizar a dormida da casa. Naquela época não tínhamos televisão. Um dia, de tanto observá-la a costurar, pedi que me ensinasse. Ela demorou alguns dias, pois falava que ainda não era à hora, até que em um fim de tarde ela me chamou, sentou ao lado da máquina e mandou eu sentar em sua cadeira, pegou um tecido e me entregou. Ela explicou tudo e eu ansiosa já tinha visto milhares de vezes ela fazer aquele processo e pensava que seria fácil, porém ela me acalmou e me colocou em seu tempo, em seu ritmo, me direcionando e comecei a fazer tudo tranquilamente do jeito que ela falava, ficamos ali por alguns minutos. Lembro que meu pano ficou todo costurado e eu fiquei tão feliz, tão realizada, foi a primeira vez que recorde de ter tido essa sensação de aprender algo que eu desejava. Nessa época eu tinha entre sete a oito anos. Desde aquele, dia vez ou outra, eu inventava algo para costurar.

Fotografia 4 – Máquina de costura que era da minha mãe-avó.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os saberes passados de geração a geração nos fazem reconectar com aqueles que não estão mais entre nós, é assim que sinto toda vez que lembro o meu processo de aprender a costurar, pois trago para o presente a presença da minha mãe. Esses momentos eram tão fortalecedores, me sentia amada, protegida e que alguém havia acreditado em meu potencial, ensinando o que ela fazia com tanto amor, cuidado e dedicação. A costura faz parte da minha vida. Lembro que com a sua habilidade ela criava peças lindas de pedaços de tecidos, um exemplo era as suas famosas colchas e lençóis de retalhos, em cada pedaço de sobras, ela cortava e guardava em uma sacola, depois de algum tempo quando percebia que já tinha uma quantidade suficiente, sentava e costurava. Eram pedaços pequenos que iam se juntando e de repente estava uma peça linda, que trazia toda a sua dedicação. A colcha que cobria a cama, acolhia quem nela deitava, abraçava e acalentava; o lençol embalava o corpo e os sonhos. Vejo a colcha de retalhos também como nossas vidas, cheias de pedacinhos que são costurados com a linha do tempo. A máquina de costura da minha avó, era a balada da noite, era o último som que muitas vezes eu ouvia antes de dormir.

Sempre via minha mãe de braços abertos para acolher seus filhos, netos, irmãos, sobrinhos, primos, vizinhança e aqueles que no Alto Alegre chegavam. Ela tinha um dom que eu achava tão lindo, ela tinha o dom do amor. Sempre que podia ajudava quem estava precisando, conversava, aconselhava, sempre calma, serena, lenta em seu caminhar, sempre com a cabeça erguida ela possuía a sabedoria de observar e depois chamava no cantinho para conversar. Cuidava dos filhos dos outros como se fosse seu, deixava para cada criança a sensação de estar no pedacinho do céu. Aprendi com minha mãe a arte de cuidar. Estar

disposta a ajudar a quem precisa, ser líder em situações necessárias; observar, acalmar e devagar andar. Esses são alguns dos dons que herdei.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cural. (bell hooks, 2010, p.12)

Meu pai, sempre atento e ativo cuidava de tudo. Ele é analfabeto, porém tem muito orgulho de conhecer as letras do seu nome. Sempre produziu coisas para vender e assim sustentava nossa família. Eu, enquanto criança, achava tão interessante que mesmo sem ele ter relógio sabia os horários certos de voltar para casa para fazer as refeições. Sempre quis entender, ele falava que pela posição do sol dava para saber, esse é o saber que eu nunca consegui aprender. Ele também cuidava da água do chafariz, além de ser vigia da Escola Batista. Sempre sério, atarefado com alguma coisa para resolver, atenta ficava para tentar adivinha se estava tudo bem, aprendi a ler suas expressões, pois nutria um amor tão profundo e puro por aquele que cuidava de todos.

Com ele aprendi que podemos ir à busca dos sonhos. Meu pai sempre investiu nos meus estudos, era participante das reuniões escolares, sempre buscando saber como eu estava. Um homem negro, analfabeto, que sabia que a educação é importante e sempre fez de tudo para que seus filhos estudassem. Ele conta que permitiu minha mãe e minha tia morar na casa de outras pessoas para poder estudar. Naquela época, as escolas ficavam no centro de Pacajus, um município vizinho. Hoje estou cuidado do meu pai, meu mais velho que tenho em vida. Todos os dias descubro histórias novas sobre meu quilombo, a partir da sua oralidade e fico impressionada como meu lugar guarda os acontecimentos de anos, guarda os segredos sagrados dos nossos. Uma manhã dessas, depois do nosso café da manhã, ele começou a relatar sobre a educação, o quanto era difícil na época que ele era criança e lembrou que os seus mais velhos ficavam falando sobre as -facilidades|| que um dia ia ter. Ele falou que os mais velhos ficavam falando que daqui a alguns anos iria ter escolas aqui dentro e as -negadas|| não iria precisar sair para estudar. Sabemos que todas as mudanças aqui acontecidas foram na base da luta; que começou deste os primórdios.

Fotografia 5 – Meu vô-pai, no seu quintal.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.2 Meus avós paternos e meu pai

Antes de falar dos meus avós e meu pai em vida, quero trazer um pouco do relato de como foi perdê-los, foi um período difícil de superar. Particularmente para mim, foi um processo mais demorado, por que todos os finais de semana que retornava para casa é como se eu vivesse aquele vazio, quando voltava para Redenção vida normal e novamente o ciclo universitário.

Antônia Ramalho da Silva e Cirino Augustinho da Silva, meus avós. Sempre estiveram presentes na minha vida, eles não se encontram mais entre nós, meu avô – que os netos chamam carinhosamente de paizinho – faleceu no dia 13 de outubro de 2018, no dia que minha irmã completou 30 anos. O dia que havíamos planejado já alguns meses que seria dia de festa, mais aconteceu que uns 20 a 15 dias antes meu ele adoeceu e foi internado. Estava em Redenção, por causa da Universidade, mas sempre perguntava para minha irmã como as coisas estavam indo. No dia 12, retornei para ficar com ele no hospital, porém já entubado. No dia 13 fui visitá-lo, juntamente com minha avó, meu pai e uma prima. Após visita, retornamos para casa e as 22h recebi a ligação da minha prima informando o seu falecimento.

Senti uma dor. A dor que já conhecia. A dor da perda. Fiquei com a minha família, onde choramos muito, pois é muito difícil nos despedirmos daqueles que amamos. Continuamos juntos, organizamos um cronograma para dormi na casa da minha avó, e sempre durante o dia estávamos lá com ela e com meu pai. E como era estranho não termos mais nosso paizinho ali. Meu pai morava junto com eles, ele era muito apegado com o paizinho, nós sempre brincávamos que eles eram uma dupla, pois só almoçavam e jantavam juntos. Quando o paizinho ia à bodega era junto do meu pai. Até que ele começou a emagrecer e vomitar. Percebíamos uma tristeza nele. Eu conversava muito com a minha irmã, ficava muito preocupada por que tinha que estar em Redenção, por causa da Universidade, mas aos finais de semana sempre estava na comunidade.

Um dia ele aceitou ir ao posto de saúde. Quando vi meu pai fazendo tudo que a médica pedia, comecei a chorar, por que naquele momento entendi que meu pai não era mais o mesmo, ele sempre foi muito teimoso e de repente tudo que a médica pediu ele foi cumprindo. A médica estava acompanhada de mais dois residentes e eles foram bem atenciosos, pediram urgência nos exames. A tarde estava na área da casa da minha avó, como de costume, fui ajudar meu pai a trocar a blusa e quando olhei para sue corpo, sua magreza que não era normal, chorei, aquilo me doeu muito. Depois dos exames veio o diagnóstico, meu pai estava com câncer de estômago em estado avançado. Uma das coisas que mais me doeram foi quando minha irmã Tatiara perguntou quanto tempo de vida ele ainda tinha. Na sua última semana de vida eu fiquei todos os dias com ele, só ia para casa tomar banho e trocar de roupa e já voltava. Aproveitava esses momentos para chorar, chorava muito, me senti muito sozinha, sem alguém que pudesse me amparar, pois para todos os outros eu estava forte, mas tinha muito medo de perder meu pai.

Eu não pensava na universidade, meu foco ficou completamente aqui, com minha família. Seus últimos dias foram mais difíceis, pois meu pai já não comia nada e sentia muita dor; não levantava mais. No seu último dia entre nós estavam todos da família reunidos. Minha avó chorava, pois meu pai estava sentindo muita dor. Lembro que uma prima me chamou por que ele queria falar comigo. Cheguei perto dele e me disse -eu te amo, sorri e respondi -também te amo pai. Ele estava desfalecendo. Quando minha irmã veio ao meu encontro, me abraçando, naquele momento queria ser mais forte, mas só queria chorar abraçada com ela. Mais uma vez estávamos perdendo, assim como na nossa infância quando perdemos nossa mãe.

Levamos ele para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), depois de um conselho para levá-lo. Estava apreensiva por que pensei que se tivesse levando ele mais cedo talvez

ele ficaria bem. Mais o médico mesmo sem eu perguntar nada falou que nada mais poderia ter sido feito, mesmo que tivéssemos levado mais cedo. Minha prima Aldenia e eu ficamos paradas em frente ao meu pai, olhando os aparelhos até sumir os sinais vitais. Depois fui para casa, levando de volta o lençol que ele foi enrolado. Meu pai faleceu no dia 17 de julho de 2019.

Começamos a cuidar da nossa avó. Os primeiros dias são sempre mais difíceis, mas com o tempo fomos nos reencontrando novamente. Voltei para as atividades na Universidade e sempre que estava na comunidade ficava com minha avó, na nossa área. Lembro como hoje que no dia 07 de outubro de 2019, às 18 horas e alguns minutos, recebi a ligação da minha irmã chorando falando que a vovó tinha falecido. Parei por alguns minutos para assimilar. Na mesma hora fui para casa e quando cheguei, pela terceira vez em menos de um ano, toda família estava reunida chorando, sentindo a dor do luto.

Enquanto escrevo, rememoro tudo que passei e choro, pela dor da perda. Choro por que quando entrei na Universidade esperava que eles estivessem presentes na minha formatura. Às vezes conversava com minha irmã que íamos comprar a roupa para o pai. Algumas vezes levei meus colegas de curso para conversar com meus avós, e eles sempre tão acolhedores. Ficarão as boas lembranças, o amor e respeito.

Fotografia 6 – Paizinho e vovó.



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 7 – Meu pai e eu.



Fonte: Arquivo pessoal.

O luto é uma forma cruel de aprendizado. Você aprende como ele pode ser pouco suave, raivoso. Aprende como os pêsames podem soar rasos. Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras. Por que sinto tanta dor e tanto desconforto nas laterais do corpo? É de tanto chorar, dizem. Não sabia que a gente chorava com os músculos. A dor não me causa espanto, mas seu aspecto físico sim: minha língua insuportavelmente amarga, como se eu tivesse comi 15 do algo nojento e esquecido de escovar os dentes; no peito um peso enorme, horroroso; e dentro do corpo uma sensação de eterna dissolução. Meu coração me escapa — meu coração de verdade, físico, nada de figurativo aqui — e vira algo separado de mim, batendo depressa demais num ritmo incompatível com o meu. É um tormento não apenas do espírito, mas também do corpo, feito de dores e perda de força. Carne, músculos, órgãos, tudo fi ca comprometido. Nenhuma posição é confortável. Passo semanas com o estômago embrulhado, tenso e contraído de apreensão, com a certeza sempre presente de que alguém mais irá morrer, de que mais coisas irão se perder. (ADICHIE, 2021, p. 14-15)

Meu avós paternos criaram a minha irmã Tatiara Ramalho de Oliveira. Nós sempre estávamos juntas e até os dias de hoje é assim.

Fotografia 8 – Tatiara e eu.



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 9 – Khiuane, Khiara, Tatiara e eu.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.3 Paizinho

Meu avô Cirino Augustinho é bisneto de Cazuzá. Ele esteve na luta para trazer benefícios para a comunidade. Em 2005 ele começou a relatar as histórias que ouvia na sua infância, as histórias de Cazuzá. Ele era agricultor e das terras tiravam o sustento para minha avó e seus sete filhos. No seu tempo de juventude fazia parte da banda que trazia alegria do povo da comunidade, realizavam festas em uma casa de taipa, o forro de chão batido. Eu, seus netos e bisneto chamávamos carinhosamente de paizinho. Ele sempre calmo, alegre e atento aos nossos movimentos. Cuidava e amava cada um de seus filhos, netos, bisnetos e esposa. Juntamente com minha avó, cedeu uma parte de seu terreno para construir a Congregação Assembleia de Deus. Eles, assim como os meus avós maternos, foram os primeiros a se converterem. Uns foram pilares da Congregação Batista em Alto Alegre e outro um dos pilares da Assembleia de Deus, duas congregações dentro da nossa comunidade.

Fotografia 10 – Mural de fotografias da família.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.4. Vovó

[...] Com o conhecido senhor Cirino Agostinho da Silva (in memoriam) alimentou um harmonioso casamento que durou até os seus últimos dias de vida, vindo a ter 07 filhos: Elizabeth Agostinho do Nascimento, Elizete Agostinho da Silva, Elizenete Agostinho da Silva, Aldenir Ramalho da Silva, Aldenor Ramalho da Silva, Aldemir Ramalho da Silva e Antônio Almir Ramalho da Silva, além de 29 netos, 25 bisnetos e 02 tataranetos. (FERREIRA, Biografia da Sra. Antônia Ramalho, 2021)

Minha avó Antônia Ramalho da Silva, mulher artesã, tinha os saberes de trabalhar com a palha da carnaúba, transformando-a em esteiras, cestos, vassouras, entre outras coisas, sempre disposta a fazer as suas produções. Minha vovó, assim como a chamava, sempre foi tão forte. Se queria algo ela fazia acontecer. Gostava tanto de fotos, sempre que tinha uma oportunidade registrava os momentos e sempre dizia –quando alguém morrer vocês vão matar a saudade através das fotos|. Foi uma mulher ativa nas reuniões, nas articulações entre a comunidade e o poder público. Ela se levantava e sempre que podia ia à luta. Hoje seu nome está na segunda escola de ensino médio quilombola do estado do Ceará: Escola Quilombola Antônia Ramalho da Silva. Gratidão é o sentimento que carrego aos meus mais velhos por tudo que fizeram.

A escola estadual quilombola homenageia como sua patrona, por indicação da própria Comunidade Quilombola de Alto Alegre, localizada no município de Horizonte – Ceará, a Sra. Antônia Ramalho da Silva, também conhecida como Tia Antônia ou Irmã Antônia. Suas contribuições comunitárias enquanto artesã, educadora leiga e símbolo de resistência da mulher negra quilombola são muito expressivas. Filha de João Ramalho da Silva e Virginia Izabel Ramalho, Tia Antônia nasceu no dia 14 de setembro de 1937, tendo sua naturalidade registrada no município de Pacajus. (FERREIRA, Biografia da Sra. Antônia Ramalho, 2021)

2.5. Meu pai

Meu pai, Aldenir Ramalho da Silva, um homem preto retinto que amou minha mãe por toda sua vida. Ele sempre morou com meus avós. Era pedreiro e conhecido pelo seu excelente trabalho, sempre disposto, atento, responsável, logo conquistava a confiança de seus patrões. Trabalhou em vários estados, o que fez ele ter um repertório intenso de histórias para contar. Mais uma memória que sempre compartilhava era que ele tinha algumas fazendas nos estados que trabalhou, Piauí, Maranhão e Pernambuco. Meu pai tinha dois vícios: álcool e o cigarro. E isso às vezes nos afastava. Ele sempre me dava carinho. Gostava de contar histórias. Meu pai deixou seu legado. O sorriso é a lembrança que mais tenho dele. Me presenteou com três irmãos, Tatiara Ramalho de Oliveira, Tais Ramalho Chagas da Silva dos Anjos, Taecio Ramalho Chagas da Silva.

Fotografia 11 – Meus irmãos e eu.



Fonte: Arquivo pessoal.

Trouxe um pouco sobre essas pessoas representando a muitas outras que não foram citadas aqui, mas que estiveram e estão presentes na minha vida. A infância é uma fase importante das nossas vidas e que nos acompanharão sempre. Estará conosco em todos os momentos que quisermos acessar e dela temos uma grande parte da nossa personalidade e nossas crenças. Lembro que tenho coisas comigo que foram implantadas na minha infância e que mesmo hoje eu tenha adquirido outros saberes, não saíram de mim.

3. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE UMA QUILOMBOLA: ENCRUZILHADAS QUE SE ENCONTRAM

Minha mãe, Maria José da Silva, uma jovem quilombola que sempre se orgulhou de sua descendência e de suas características, mesmo que naquela época não se usava aqui na comunidade o termo quilombola. Uma característica sua a qual ela se orgulhava era seus cabelos crespos. Maria José da Silva, terceira filha de quatro irmãos que meus avós tiveram, ela sempre muito atenciosa, calma, foi uma moça dedicada aos estudos e mesmo com toda dificuldade que tinha para acessar a educação, ela precisou ir morar na casa de outros e se dividir entre os estudos e os afazeres domésticos das casas que foi –acolhida. Quando voltou para a comunidade começou a ensinar os meninos (as) mais novos (as) a escrever seus nomes, o ABC e ler. As aulas aconteciam na área da casa dos meus avós, assim ela chegou até a escola da comunidade que começou embaixo de um pé de mangueira, depois uma salinha feita no terreno do tio Neco e por fim, foi para as salas da Escola Batista.

Mazé ensinava debaixo da mangueira. Ensinava muitas crianças da comunidade. A mangueira se chamava ‘_idosa’ e dava muitas mangas. Era manga demais. Ai foi o tempo que chegou o pessoal da Igreja Batista. Em seguida, o compadre Neco deu um pedaço de chão onde ficava a mangueira, que depois foi cortada. Em seu lugar fizeram um poço profundo e construíram uma escola. (XAVIER, 2017, p. 199)

Ela trabalhava com educação para crianças e adultos, mas a sua grande paixão era a educação infantil. Alguns de seus alunos lembram-se da –Tia Mazé com muita emoção porque ela foi daquelas professoras que marcam com amor, dedicação os seus (as) alunos (as), os seus colegas de trabalho também lembram dela com carinho. Hoje a creche da comunidade leva seu nome.

Fotografia 12 – CEI Maria José Alves da Silva



Fonte: Arquivo pessoal.

Minha mãe, Maria José da Silva, conhecida como Mazé, faleceu e deixou duas filhas. Éramos duas crianças, uma de um ano e cinco meses e uma de três meses de vida. Meu pai era muito apaixonado por ela. Ele bebia e fumava muito, depois da perda da minha mãe, os vícios se agravaram. Como já relatei antes fui criada pelos meus avós maternos e minha irmã pelos meus avós paternos. Esse foi um acordo entre eles, eu e minha irmã sempre que possível estávamos juntas, criadas e cuidadas com muito amor pelos nossos tios, primos, conhecidos.

Fotografia 13 – Pintura da minha mãe na ARQUA.



Fonte: Arquivo pessoal.

3.1. Para minha Mãe

Sinto saudades dos cheiros que não lembro,
Sinto saudades da voz que não tive tempo de gravar,
Do som da sua gargalhada.
Não tive tempo suficiente de gravar em minha memória
Seu rosto sorrido ou você olhando apaixonadamente para mim.

Não tive tempo de sentir o gostinho do seu tempero,
O cheiro da sua comida,

Saber seu parto predileto.

Não tive tempo de ver você ensinando, de ti ouvir falando sobre seu dia.

Não deu tempo de você me dar bronca, me deixar de castigo, de ti ver brava comigo.

Essas coisas de mãe.

Queria ter ti ouvido cantar, saber qual sua banda e cantor preferido,

Que eu poderia até puxar para mim, um pouco do seu estilo musical.

Queria ti ouvir falando sobre novelas,

Os artistas que admirava.

Ter ouvido sua percepção, sua visão sobre as coisas, sobre o mundo,

Sobre tudo que nos envolve.

Queria ter tido oportunidade de deitar na sua cama,

Te pedir abrigo por que estava com medo.

E ouvir sua voz dizendo –está tudo bem! Estou aqui contigo II.

Queria ter andando contigo nas ruas, segurando sua mão,

Ter ido na casa dos meus avós, tios, escola,

Ter na memória esse contato, cuidado e atenção.

Queria ter tido oportunidade de te ver cuidar da minha irmã,

Do meu pai, da casa, das nossas coisas, da nossa vida.

Muitas vezes me senti perdida, queria ti ter,

Mesmo eu sendo tão acolhida, amada, cuidada,

Não me faltava nada.

Mas, mãe nada substitui você.

Queria ter sentido o amor que você emanava,

Ver sua delicadeza, atenção, cuidado e respeito pelos seus alunos,

Pelos seus mais velhos, pela sua família.

Tudo que sei sobre você é coisas boas, mas

Sei que assim como todas as pessoas
Você tem um lado meio chato, mas tudo bem,
Você estaria completa aqui.

Tudo que sei foi compartilhado por aqueles que conviveram contigo,
Que te trazem no coração e me dão sempre acalento e dedicação ao lembrar você,
Minha mãe.
Mãe eu aprendi a viver com a saudade, aprendi te amar
Tanto, tanto que até dói.

Que saudades do cheiro, do jeito, do som da voz, do sorriso que eu não lembro.
Mas sei que existe.
Te amo, Mãe.

Escrita dedicada para Maria José da Silva, minha mãe.

3.2. Escola Batista

Quando cheguei à idade de estudar, já era familiarizada com a escola, pois sempre estive naquele espaço. Fui para a escola desde a barriga da minha mãe, depois sempre estava lá por que meus avós maternos, como já citei, antes foram um dos primeiros membros da igreja e também trabalhavam na Escola Batista.

Mesmo já conhecendo a escola, estar na sala de aula teve seus encantos, mesmo já conhecendo o ABC e alguns números. Mas tudo que a professora dizia parecia mágico, achava minha professora super poderosa por que ela sabia de tudo. Ficava imaginando sua casa que na minha imaginação de criança pensava que ela morava em um castelo, lindo, grande e que era lá que ela criava as canções que cantava. Quando lembro dos meus pensamentos de criança, percebo o quanto o fantasiar é potente e que quando criança vivemos em um mundo cheio de coisas boas. Hoje essa professora ainda está ensinando na escola Olímpio Nogueira e fico feliz em partilhar essas histórias com ela, hoje estamos trilhando no caminho da educação, enquanto pedagogas.

Fotografia 14 – Profa. Neta, Alessandra, Khiara e eu.



Fonte: Arquivo pessoal.

A Escola Batista de Alto Alegre tinha – e ainda tem, pois lá agora é um espaço da Igreja Batista) – um espaço muito bom, na entrada há dois portões, um grande onde entrava os carros e outro para o fluxo de pessoas. Com um espaço amplo, com uma área coberta onde aconteciam às reuniões e nesse mesmo espaço ficava a diretoria, com sala para os professores, do outro lado ficava uma sala de aula, os banheiros, que eram enormes, e a cantina onde tinha dois compartimentos, um para armazenar os alimentos e o outro as panelas, copos, pratos e colheres.

Lembro que achava a cozinha linda, por que era todo em azulejos e eu não conhecia nenhuma casa assim. Além de sempre ser um ambiente cheiroso, com cheiro de comida gostosa. Seguindo, tinha a sala que era para a educação infantil, atrás tinha um espaço grande onde brincávamos sempre. Na escola tínhamos uma cozinha de fogão à lenha, que sempre estávamos por lá, gostávamos por que era como se fosse nossa casa, já que na maioria das casas tinha fogão à lenha; a escola trazia muitas características de nosso lugar. Continuando o passeio pela minha memória, ao lado tinha mais uma cobertura que era um espaço para brincar/sentar para os lanches, com banheiros, duas salas de aulas e a igreja. No meio do terreno ficava um espaço aberto com uma torneira, onde todos os dias os alunos faziam o ritual de fazer filas para lavar as mãos e depois ir para o lanche e uma vez no mês fazíamos aplicação do flúor. Aquele espaço me trás muitas lembranças. Era o lugar que me passava segurança, pois a maioria das pessoas que trabalhavam ali eram da comunidade, o que não

gerava estranhamento e mesmo aqueles que não eram, moravam na vizinhança de Alto Alegre.

A minha primeira sala lembro de alguns detalhes, ela era espaçosa, tinha uma lousa grande e verde, acima tinha o ABC e os números que eram pintados de várias cores. Tinha alguns desenhos produzidos pelos alunos, nossa sala ficava perto da cantina e era a única sala com azulejos, sempre éramos os primeiros nas atividades que aconteciam na escola. Era um espaço que eu gostava muito, gostava das pessoas, das atividades e me sentia pertencente aquele lugar. Lembro que a escola era aberta para comunidade, então era normal ver as pessoas indo observar o que estava acontecendo nas salas de aulas. Lembro demais dos lanches, que até hoje compartilho dessas memórias com minha irmã e primas quando falamos para as nossas sobrinhas como eram as merendas no meu tempo de escola: a sopa de letrinhas, o ovo com farinha, mingau de castanha, cuscuz com leite e o arroz com carne do sul. Eram momentos que nos reunia para comer a comida que foi feita pelas nossas mais velhas da comunidade.

Depois que aqui passou a ser município de Horizonte começou a articulação para a construção de outra escola, como eles falavam que a próxima construção seria o espaço somente escolar, já que na Escola Batista tinha outra proposta como Centro Social e a Igreja Batista, que na época era mantida pela Prefeitura de Pacajus. Meu pai conta que a escola era para ter sido construída aqui dentro do Alto Alegre, mais levaram para o lado do Alto do Estrela. Essa é uma pequena parte que conheço da história da Escola Olímpio Nogueira Lopes. Importante salientar que os -Nogueiras|| são uma das famílias que tinham poder -aquisitivo|| e que muitas pessoas da comunidade trabalhavam para eles. Meu avô Cirino Agostinho foi um deles, ele conta que muitas vezes o seu pagamento ele trazia dentro de seu saquinho, o mesmo que levava sua rapadura, farinha e água para se alimentar durante o dia de trabalho e ao chegar em casa o que trazia era dividido com os filhos.

3.3. Escola Olímpio Nogueira

A Escola Olímpio Nogueira Lopes foi a segunda escola que estudei, sua estrutura foi construída pela Prefeitura de Horizonte e é a escola que até os dias atuais atende a maioria dos alunos da comunidade. Vejo a escola como nosso primeiro contanto social. É o lugar que as famílias confiam deixar seus filhos, ali aprendemos a conviver com outros diferentes e os semelhantes. Quando cheguei ao Olímpio Nogueira Lopes senti o primeiro impacto, a escola

não era mais dentro do território, outra coisa que tinha mudado era as pessoas da comunidade que sempre estavam na Escola Batista, não as via mais na escola com tanta frequência. Começaram a vir outros professores de fora e alguns alunos também. Nessa época eu já estava com uma idade de compreensão de algumas atitudes que antes não percebia, foi onde comecei a identificar as diferenças que existia dentro daquele espaço, principalmente para os alunos/as que moravam em Alto Alegre. Naquela época ainda não tínhamos o reconhecimento de quilombo.

O ano era entre 1956 a 1997, não existia a lei 10.639, já que foi criada em 2003. Porém, eu reconhecia que algumas pessoas da comunidade sempre estavam em movimento em busca de melhorias para a comunidade. Hoje percebo que o coletivo sempre foi muito forte dentro do nosso território. Percebia que algumas pessoas sempre estavam reunidas, dialogando, alguns falavam com intensidade enquanto outros diziam que estavam cansados e não iam se envolver. Mas depois estava lá, de punho erguido.

Gosto de fazer essa escrita onde trago além da escola, também a comunidade, pois tudo estava em movimento. Hoje percebo que meu aprendizado não estava só na escola, mas dentro da comunidade, com os movimentos que estava vivenciando. Eu era uma criança que estava desenvolvendo as minhas percepções, aprendendo, vivia entre a minha casa, escola, igreja e algumas reuniões, pois meus tios mais próximos Nego do Neco e Ana Margarida eram lideranças que sempre estavam nos movimentos.

Naquela época, para mim, os únicos detentores de todos os saberes eram os professores da escola, eu acreditavam em tudo que eles diziam. Com o passar do tempo, fui entendendo algumas ações, algumas reações do cotidiano escolar, comecei a apresentar dificuldades em algumas disciplinas; matemática até hoje é um problema. Mas a disciplina de História era a que me paralisava, me fazia pensar, deixava confusa, dava raiva, deixava com vergonha, sim com vergonha, pois a professora trazia os conteúdos da escravidão. Os livros, naquela época, não tinham um olhar positivo para África, ser negro era tido como castigo, um coitado. As aulas sempre reforçavam o racismo.

Entre os anos de 1997 a 1999 me causaram dúvidas e negação sobre minha identidade, o jeito que a professora falava – que também era negra e da comunidade quilombola – me deixava desconfortável, sempre apontando os negros como pessoas que seriam somente para os trabalhos braçais, para serem mandados, mansos, bonzinhos, que poderiam passar por muitas situações desumanas e continuariam dispostos a fazer tudo pelo outro. Aquilo me deixava com muita raiva e era assim que eu entendia tudo que a professora passava. E para piorar a situação, os -amigosll que não eram da comunidade reforçavam as falas dos livros

sempre nos colocando como pessoas incapazes, pessoas que deveriam obedecer o que eles falavam, falavam de nossos traços e todos riam, a professora na sala, não fazia nada.

Comecei a sentir que aquele lugar não era meu, mais era obrigada a estar lá. Percebia a diferença de tratamento que os professores davam para os alunos que não era de Alto Alegre, eles sempre falavam e riam que nós meninas iríamos ter vários filhos, que alguns anos iriam nos ver com um menino no braço, um segurando a ponta da blusa, um na barriga e outro no pensamento. Comecei a observar que as alunas -brancas|| os professores não conseguiam enxergar assim. Sempre fazendo piadas diretas com as pessoas que eram da comunidade. Foi também nessa época que ouvia e via a repulsa que as pessoas sentiam por nós que morávamos no Alto Alegre. Eles falavam as seguintes frases: *-os neguim do alto alegrell, -só fendem a óleo de cocol||*, entrem muitas coisas.

A lembrança que mais me dói é que alguns professores (importante salientar que não eram todos os professores) também alimentavam a ideia que não seríamos nada além do óbvio a qual a -sociedade|| nos colocava. Utilizando de palavras que nos enquadravam como já dito acima, e repito, dizendo que os meninos só iam fazer trabalhos braçais e as meninas além de engravidarem cedo, iriam para as cozinhas dos outros – nada contra, pois é um trabalho digno, o que falo aqui é a forma violenta como alguns professores direcionavam a vida das meninas de Alto Alegre –, e os alunos que tinham perfil de fazer faculdade eram aqueles que não moravam dentro do nosso território, sempre eram os meninos e meninas que vieram de fora, ou seja, -brancos/as||, parecia que eles quem tinham o perfil do sucesso. Aquilo machucava, pois éramos apenas crianças em fase de desenvolvimento, de amadurecimento e como alguém que era professor, pessoas que eu enquanto aluna acreditava em suas palavras, eram pessoas que já tinham vivido muitas coisas, pessoas que eu me inspirava e de repente, bate o martelo sobre meu futuro, me davam um futuro que eu não queria.

O tempo passou e em 2021 e 2022 estive na escola como cuidadora. Lá ainda estão dois professores da época em que eu estudava na Escola Batista: Prof. Neto e Profa. Neta. A —Tia Neta||, minha primeira professora. Eles foram dos poucos professores que acreditaram em nós da comunidade, sempre nos aconselhava e eu depois desses anos todos ainda trabalhar com eles foi gratificante. Voltar para aquele espaço me dá um misto de emoções, as lembranças boas e ruins ficam o tempo todo circulando em minha cabeça.

Cheguei à escola em uma nova era. Uma mulher negra e quilombola estava na direção, Marleide Nascimento, estudante de pedagogia e mestranda em Humanidades pela Unilab. Ela, assim como eu, estudou naquela escola e viveu situações parecidas com as minhas. Quando adentramos novamente naquele espaço, trouxemos juntos um olhar diferente para as crianças

que estavam e estão naquele lugar. Uma coisa que nos marcou foi como as crianças do quilombo reagiram quando souberam que ela era a diretora. Uma professora relatou que um aluno foi lá e disse -tia a diretora é amiga da minha mãe!. Outros ficavam felizes por que ela andava na casa deles, algumas mulheres da comunidade falaram que agora sentia que ela pertencia à escola por que uma de nós era diretora. Marleide passou por muitos desafios, mas ela sabia que para além dos problemas, que sempre existirão, a alegria no olhar das crianças que reconheciam e reconhecem pessoas como elas, com uma diretora que tem história parecida com as das mães delas, quilombola, sendo diretora de uma escola é muito significativo.

Fotografia 15 – Roda de conversa sobre Educação Quilombola



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse foi um momento muito importante, pois quando Marleide assumiu a diretoria da Escola Olímpio Nogueira Lopes, ela fez um percurso dentro da comunidade quilombola com os professores. Enquanto ela andava dentro da comunidade, os alunos saíam de suas casas e ficavam admirados por que seus professores estavam perto de sua casa, alguns professores que já atuavam na escola há alguns anos, não conheciam o quilombo. O olhar de uma quilombola no espaço educacional faz toda diferença. A Resolução da Educação Quilombola nº 08 de 2012 vem trazendo os elementos que caracterizam a educação escolar quilombola. Estar no chão do quilombola é um ação fundamental para fortalecer os laços e compreender os saberes sagrados e culturais que as crianças estão inseridas dentro do seu território.

1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade. (RESOLUÇÃO Nº 8, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2012)

3.4. Ensino Médio

-Terminando meu ensino fundamental fui cursar o Ensino Médio na Escola José Bonifácio de Queiroz, o famoso JBQ, que ficava em Queimadas. Era um sonho realizado, pois eu e minhas amigas achávamos que seria o topo para nós. Ele era um anexo da escola Raimundo Nogueira que fica no centro de Horizonte. Lá fortalecemos mais ainda as amizades feitas na escola Batista e conquistei novas amizades também. Durante o Ensino Médio passei por problemas familiares, principalmente pela perda de entes queridos o que me desestabilizou o suficiente para ter um rendimento baixo, mas sempre fiz trabalhos e participava de feiras de ciências para conseguir recuperar as notas. (Tatiana Ramalho, Memorial Descritivo, 2018, p.2)

Quando fui para o ensino médio era uma escola diferente e nela só tinham adolescentes, praticamente todos da mesma idade e novamente assisti as meninas e meninos que tinham os perfis de serem bem sucedidos, serem sempre bajulados pelos professores. A escola ficava um pouco mais distante, pois era em Queimadas e o ônibus passava para nos levar à escola. O ritmo era diferente, minhas notas caíram muito. Na primeira vez, eu fiquei muito decepcionada, depois fui me acostumando e percebia que não conseguia entender algumas matérias, mas fui deixando passar. Lembro que de vez ou outra estava envolvida em algumas aventuras da escola.

Todavia, continuei na minha rotina escolar, mas certo dia, eu estava na escola, a aula ainda não havia começado, estava brincando com meus colegas, e alguém entrou na sala e disse: -Tatiana estão te chamando!! Quando olho, vejo a minha irmã, minhas primas e uma colega veio ao meu encontro e disse: -amiga fica calma!! Depois dessas palavras, o sorriso que tinha no rosto desapareceu e fui quase correndo encontrá-las e perguntei o que foi? De repente escuto a notícia que eu não esperava, minha tia, Ana Margarida, tinha falecido. Imediatamente fui para casa, as meninas foram de bicicleta então voltei com elas. Minha tia deixou três filhos e quando cheguei vi minha avó chorando muito, as crianças, chorando muito, meu coração desacelerou, vendo três crianças órfãs de mãe. Por mais que fizéssemos

de tudo para amenizar as dores deles, sabíamos que não iríamos conseguir, pois eu sentia a mesma falta, mesmo que não tenha conhecido minha mãe.

Depois disso fui me sentido desmotivada. Tentava cuidar dos meninos, mais eu não sabia, as vezes eu falhava e me cobrava muito, mais eu era apenas uma criança de 16 anos. Os dias passaram e fomos aos poucos nos adaptando a nova rotina, a falta da minha tia era latente, pois ela era muito alegre e fazia os movimentos dentro da nossa família. Tivemos a perda da minha tia em abril e em novembro tivemos outra perda, minha mãe. Pela segunda vez perdi a mulher a qual chamava de mãe, senti uma dor tão grande, eu não podia acreditar que aquilo tinha acontecido, como assim a minha mãe, aquela que me dava tanto amor, que cuidava tão bem dos meus primos que tinham acabado de perder a mãe deles e que via nela a segunda mãe. Doeu ver meu tio chorando, ver meu pai chorando, ver meus primos em desespero. Que dor, dói até hoje e está doendo agora ao lembrar aquele momento.

Me senti perdida. Depois desse dia, desenvolvi uma busca incansável de sentir a presença da minha mãe, era costume depois que chegava da escola ficar no meu quarto com a porta aberta, deitada de costa para a porta, lendo alguma coisa e todos os dias minha mãe passava para o banho dela e depois retornava para o quarto e eu escutava seus passos. Depois de sua partida eu fiz esse ritual por alguns dias, esperando o momento dela passar e cada dia que isso não acontecia eu chorava, toda a dor da perda, da saudade, daquela a quem amo. Depois dessas perdas eu tentei ser a pessoa que acolhia e cuidava de todos, mais com apenas 17 anos não consegui, foi um fardo muito grande que quis pegar e me frustrei. Tentei seguir a vida, não foi fácil, na fase da juventude, tentando me encontrar, foi arrancado de mim o meu forte. Uma das primeiras coisas que aconteceram foi me afastar da igreja, que desde criança frequentava.

Fotografia 16 – Minha vó-mãe.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os estudos foram ficando para segundo plano, depois terceiro. Tentei estudar no período da noite e acabei desistindo, faltando um pouco mais de três meses para concluir. Dei uma pausa longa nos estudos.

3.5. CEJAH

Retornei depois de muito tempo para o Centro Educacional de Jovens e Adultos de Horizonte (CEJAH). A diretora me explicou que como eu tinha feito o primeiro e segundo ano, em poucos meses eu conseguiria terminar, claro se eu me dedicasse, o que não aconteceu. Passei tanto tempo para terminar, mas eu consegui. Acredito que fiquei entre três a quatro anos para concluir. Mas assim fiz com a motivação de fazer faculdade. Mesmo com tanta demora em terminar o ensino médio, sempre gostei de estudar, sempre fui curiosa, sempre estava pesquisando sobre alguma coisa e me matriculei no vestibular da Estácio, queria fazer Serviço Social. Fiz o primeiro processo e isso só me fez adquirir uma dívida. Não consegui continuar. Mas de uma coisa eu tinha certeza que eu iria fazer faculdade um dia.

Entre todos esses acontecimentos houve a minha chegada na Associação dos Remanescentes de Quilombo de Alto Alegre e Adjacências (ARQUA) em 2009. O curso de fabricação de folhas da palha de carnaúba, depois dele, não sai mais daquele espaço, onde aprendi sobre documentações, projetos durante 2009 até 2017. O tempo todo estava rodeada pelas crianças que faziam atividades dos projetos oferecidos como a Hora do Jogo, Capoeira, Maculele, da Banda de Percussão. Esses meninos e meninas despertaram em mim um sentimento que talvez eu pudesse um dia fazer Pedagogia, o que não era minha opção. Pois queria Psicologia ou Serviço Social.

Quando alguém falava que estava na Pedagogia eu sempre fazia pouco caso, cheguei até pensar que é uma profissão -fácil - importante salientar que eu não conhecia nada da pedagogia, só reproduzia as falas de alguns conhecidos e até mesmo os pedagogos (as) que eu conhecia. O tempo passou e eu comecei a ser responsável por uma turma, os meninos da banda e da dança, juntamente com Dasdores. Meu coração começou aquecer por causa daqueles pingos de gente, eram uma mistura, uma turma com idades variadas, de 1 ano até 17. Uma diversidade. Nós recebíamos sempre alguns alunos que faziam pesquisas e trabalhos sobre a comunidade, um dia o menino que cresceu na comunidade, chegou na associação para falar sobre seu projeto de pesquisa, Jeovane Ferreira, um menino que já tinha feito parte do grupo de maculele, capoeira, que falava sobre a comunidade, nosso quilombola, universitário, intelectual, que um dia era só mais um menino que andava descalço pela comunidade, um

menino que virou um jovem de falas potente, mostrando para as pessoas que quem mora em Alto Alegre pode sim ser universitário.

Criamos um laço de amizade, ele sempre disposto a nos ajudar, logo começou a compartilhar sobre suas falas dentro da Universidade, que queria quilombolas, ocupando aquele espaço, que nós deveríamos ir para lá. Eu pensava ele é louco, como eu vou? Já estou velha, uma Universidade Federal não é para mim, não tenho essa potência. Jeovane se tornou um amigo querido e um colaborador da Associação. Em 2017 tive um momento que eu não sei bem se foi um sonho, só sei que foi um sentimento tão forte e seguro que eu percebi que nasci para ser pedagoga, assim como a minha mãe, e comecei a chorar e pedir perdão a minha mãe por ter negado a Pedagogia tanto tempo, por ter negado ela tanto tempo. No dia seguinte eu estava resolvida: iria me matricular em 2018 na faculdade e não sabia como ia pagar, mais queria estudar Pedagogia.

Passou alguns dias e aconteceu em Quixadá na comunidade quilombola Sítio Veiga o encontro das comunidades quilombolas, onde foram convidados alguns estudantes e professores da UNILAB/CE. E um desses alunos era o Jeovane, nosso menino prodígio como a Dasdores chamava. Ainda no ônibus apresentei ele para Marleide que estava querendo conhecer o garoto a qual eu estava perturbando ela para conhecê-lo. Aproveitamos a ocasião momento e fizemos um momento da juventude quilombola do estado do Ceará que queria estudar na UNILAB, as professoras, professores e alunos que ali estavam se comprometeram em levar nosso pedido à reitoria.

Fotografia 17 – Encontro estadual quilombola.



Fonte: Arquivo pessoal.

No Ceará, o debate político mais robusto pensando a universidade pública enquanto um direito quilombola ainda a ser efetivado se deu muito recentemente com destaque para os diálogos ocorridos durante o 17º Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas no Ceará, organizado pela Cequirce, intitulado –Caminhos para o Quilombo: sujeitos de direito, avanços e desafios, realizado entre

os dias 6, 7 e 8 de outubro de 2017, no Quilombo Sítio Veiga em Quixadá. Foi durante a realização deste encontro que o Movimento Quilombola pautou a reivindicação do acesso à universidade pública cearense, especialmente o acesso à Unilab. (FERREIRA, NASCIMENTO, RAMALHO, 2020, p.139)

Depois tivemos mais duas reuniões. Em uma delas, aproveitamos o encontro que estávamos participando da CEPPIR.

Fotografia 18 – Reunião durante a Conferência de Igualdade Racial



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 19 – Reunião entre o movimento quilombola e a Unilab.



Fonte: Arquivo pessoal.

Com os diálogos conseguimos as vagas específicas para a entrada de quilombolas e indígenas na Unilab. Mas não foi fácil, o único curso que aceitou a proposta foi a Pedagogia, com 6 vagas para quilombolas e 5 para indígenas.

No entanto, desde o início destes debates tornou-se visível, principalmente a partir da fala de alguns docentes, que isso seria um processo moroso já que a UNILAB é uma universidade nova e a realização de um processo seletivo específico para tais povos poderia ser alcançada somente –daqui a uns 20 anos, já de outro lado, um docente chegou a afirmar que o importante a ser debatido era o –racismo epistêmico, logo, não seria relevante debater o acesso quilombola no ensino superior. Em suma, muitas falas apenas reforçavam a não importância do acesso destes povos no ensino superior e paradoxalmente reproduziam ideias racistas e discriminatórias. Com o ingresso dos primeiros estudantes quilombolas via PSE, ainda no primeiro semestre de 2018, as ideias que estavam apenas no plano do discurso passaram a se materializar no plano prático, especialmente na sala de aula, na relação com os professores, com os próprios estudantes brasileiros e internacionais e com a própria instituição. (FERREIRA, NASCIMENTO, RAMALHO, 2020, p.143)

3.6. UNILAB

Fiquei muito feliz e apreensiva, pois não sabia se conseguiria passar no processo para ingresso na Unilab. Produzi meu memorial de ações e vivências na comunidade, as lideranças assinaram o documento reconhecendo que sou pertencente à comunidade quilombola de Alto Alegre, fiz uma prova e passei. Fiquei tão feliz, pois a minha decisão de fazer Pedagogia em 2018 estava acontecendo, de uma maneira diferente da que eu imaginei, mais estava acontecendo. Eu estava radiante. Eu não tinha dinheiro, não sabia como ia me manter, pois ia ter que ir morar em outro lugar, pagar aluguel e as outras coisas necessárias para viver.

Confiei e recebi ajuda para me manter nos primeiros meses. Começamos a buscar por uma casa. Recebemos indicação de duas meninas que iriam alugar uma e queriam outras pessoas para dividir. Conversei com Tainara Eugenio, da comunidade quilombola do Sítio Veiga, para ficar na mesma casa. Fizemos todas as articulações e no dia 28 de janeiro de 2018 começava o semestre e foi nesse mesmo dia que peguei uma mala, coloquei algumas coisas e fui para Redenção. Sempre conversando com Tainara, saí de Horizonte no período da tarde, por volta das três horas. Quando cheguei ao ponto de referência parei e vi ela que logo veio me encontrar e juntas fomos para casa.

Achei a residência estranha, pois só havia uma única porta de comércio, uma sala, logo depois um banheiro, dois quartos, um deles era suíte, a cozinha/lavanderia e a fossa era dentro de casa. Não gostei muito, porém iríamos conversar com as meninas no outro dia, já que só estava Tainara e eu nessa casa. A tardezinha nos arrumamos e fomos para a Universidade sem saber de nada, mais cheias de expectativas, nervosas e felizes. Algumas pessoas que já conhecíamos nos cumprimentaram e também conhecemos pessoas novas. Pedimos ajuda para saber onde seriam nossas salas e descobrimos que precisávamos fazer um cadastro no SIGAA, um nome engraçado, mais um aplicativo complicado de se entender,

confesso que até hoje não sei lidar muito bem com ele. Quando Jeovane Ferreira chegou, tivemos ele como a pessoa que nos direcionava. Na época morava em Redenção, estudava na UNILAB e trabalhava no CRAS quilombola em Horizonte. Então, nós orientou, nos ajudou no cadastro e nos juntamos com os dois quilombolas da Serra do Evaristo: Mauricio e Gustavo. Também conhecemos os indígenas, Clara, Samara e Lucas. Esse dia foi bem cansativo, totalmente cheio de novidades, lembro que olhei para aquele espaço e falei comigo mesma, -EU SOU UMA UNIVERSITARIA||.

Dormimos na casa estranha só aquela noite. No dia seguinte, à tarde, as meninas chegaram e também não gostaram da residência. Então resolvemos ver outra. Enquanto íamos falar com a dona, avisá-la que não iríamos ficar na casa, as meninas foram falar com o dono de outra residência que elas tinham visto e logo chegaram com a chave. Pegamos nossas coisas e fomos rumo ao novo lar, com um sol de rachar, Tainara e eu com nossas malas, bolsas e sacolas, nas ruas de Redenção; foi cansativo, engraçado e exaustivo.

Na nossa casa não tinha nada, pois tínhamos que pedi para ligarem a energia, água, internet e as coisas da casa ainda não tinham chegado. Era um prédio com mais duas casas, no meio morava uma família e na casa da ponta alguns estudantes internacionais que nos permitiram recarregar nossos celulares na casa deles, nos deram internet e até nos emprestaram o fogão para esquentar uma água. Depois de dois dias as coisas foram resolvidas e nós ficamos -bem|| acomodadas. Estávamos na espera da chegada de Ana Carla Eugenio, (para os íntimos Carlinha) prima de Tainara, ela entrou na UNILAB pelo SISURE no curso de Administração Pública. O curso dela era durante o dia, mais só vivia na Universidade a noite, sempre nos acompanhando, a ponto dos nossos amigos pensarem que ela fazia Humanidades.

Na universidade vivemos muitas coisas incríveis, conhecemos pessoas que nos ajudaram muito, passamos por momentos difíceis, momentos que nos fizeram duvidar sobre a nossa capacidade intelectual. Quando chegamos à Universidade pegamos uma disciplina do quarto semestre, o que dificultou um pouco as coisas para mim, que ainda não conhecia as normas e regras das escritas dos trabalhos.

A experiência quilombola na UNILAB tem sido um desafio cotidiano, desde a adaptação com a realidade dos municípios, a saída dos territórios de origem, os dilemas da vida acadêmica, das bolsas/auxílio da assistência estudantil, entre outros. Contudo, neste cenário temos presenciado, mesmo que está presença seja recente, a manifestação do racismo e da discriminação étnico-racial. (FERREIRA, NASCIMENTO, RAMALHO, 2020, p.143)

No caminhar das disciplinas, a cada semestre tínhamos desafios para superar. Lembro que às vezes me perguntava por que não conseguia entender as atividades, os textos, a linguagem acadêmica. Em conversas com algumas professoras elas sempre falavam que era normal, que estava tudo bem com a gente, pois era um processo, que tínhamos apenas começado. Em algumas disciplinas, com os textos abordados das autoras negras eu me sentia parte daquele universo, foi quando comecei a me identificar com aquelas mulheres intelectuais, produzindo a partir de suas vivências.

Sempre estávamos participando das atividades, rodas de conversas, reuniões e no primeiro Centro Acadêmico do curso de Pedagogia. Fiz parte juntamente de Tainara e outros colegas indígenas.

Fotografia 20 – Participando do Centro Acadêmico de Pedagogia



Fonte: Arquivo pessoal.

Utilizamos de nossos saberes ancestrais para sobressair nas dificuldades. Quando chegávamos em casa, Carlinha nos esperava para termos nosso momento de fortalecimento, cuidado, amorosidade. Era o momento que compartilhávamos o dia, falávamos dos sentimentos, paqueras, dúvidas, saudades, notícias de casa (da comunidade), fazíamos orçamento da casa, planejava algumas, seja para o dia seguinte ou para o final de semana, conversamos sobre o futuro. Ríamos, ficávamos preocupadas, empolgadas. Esse era um dos meus refúgios.

Fotografia 21 – Carlinha, Tainara e eu.



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 22 – Tainara, Nina, Carlinha e eu.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na segunda entrada específica de Indígenas e Quilombolas, articulamos com as lideranças que iriam mandar quilombolas para fazer a prova. Acolhemos e ajudamos no que podíamos, juntamente com os indígenas. Assim nasceu uma amizade que fomos fortalecendo diante das lutas que enfrentávamos aqui na universidade.

Fotografia 23 – Quilombolas de Alto Alegre, Base e Sítio Veiga.



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 24 – Almoço coletivo entre indígenas e quilombolas.



Fonte: Arquivo pessoal.

Enquanto escrevo este trabalho nos encontramos em luta para que nosso edital específico volte. Ele foi suspenso e desde então a entrada dos povos tradicionais indígenas e quilombola diminuiu na Universidade.

4. SABERES DA UNIVERSIDADE E SABERES DA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

Os saberes que trago da comunidade e os que adquiri na Universidade tem me levado para caminhos bons. Passei por muitas coisas durante esses anos, a Universidade me fez olhar para meu quilombo com um novo olhar. Li autoras que falam sobre o que eu aprendi com meus mais velhos, com meus mais novos, com aqueles que não conheci, mas que vivem em cada pessoa, em cada lugar, em cada fazer do quilombo. Isso me faz querer falar do lugar que pertence. Me faz querer escrever do Querido Quilombo.

Nessa minha caminhada, em 2020, nos deparamos com uma doença desconhecida, perigosa, invisível, que ficamos reféns dela: a COVID 19. E junto dessa doença uma onda de violência, de morte, negação de direitos, onde assistimos muitos de nossos irmãos negros e negras, crianças, jovens, homens e mulheres e nossos idosos sendo negados, silenciados, mortos, violentados de todas as maneiras, ficamos isolados, com medo, sem saber o que fazer, em um mundo desconhecido. Nesse período tive várias crises de choro, fiquei com medo, estava morando em Baturité. Cheguei a ter medo de sair na rua, imaginava as violências que poderia sofrer, além do medo de pegar Covid; de morrer, de contaminar alguém, de não ver mais a família, de perder alguém da família eu tinha medo de sofrer a violência do racismo que estava tão ativa nas mídias. Nesse momento, busquei de alguma maneira algo que pudesse amenizar e foi daqui que conheci alguns trabalhos de mulheres negras que falavam sobre questões raciais e alguns trabalhos voltados para criança. Pensei o que depois de tantas violências poderíamos oferecer para as nossas crianças.

Foi a partir dessa preocupação que nasceu meu projeto, -Saberes quilombola com Cazuzinhal. Pensei em uma representação de Cazuzinha que pudesse conversar com as nossas crianças. Antes de escolher o nome pensei em várias possibilidades, até que lembrei do meu tio Nego do Neco que sempre falava para as mulheres grávidas para que colocassem o nome do menino de Cazuzinha, então pensei meu menino será Cazuzinha. Cada detalhe de Cazuzinha foi pensado com muito cuidado, carinho, amor, dedicação, a sua roupa tem como referência as cores da roupa de Cazuzinha, de uma pintura que tem na associação. Ele traz os saberes do quilombo e as narrativas de nossos mais velhos. Ele é um guardião das histórias do Quilombo.

Figura 2 - Cazuzinha

Fonte: Arquivo pessoal.

Cazuzinha ganhou o coração das crianças grandes também. No ano de 2023, ele esteve em destaque no município de Horizonte, onde apresenta o livro do município trazendo as informações da nossa cidade e no desfile cívico as escolas trouxeram meu menino para avenida. Cazuzinha nasceu para fortalecer a identidade quilombola dos nossos mais novos. Os saberes que ele traz é nossa herança, é nossa riqueza; as histórias que nossos mais velhos nos contam são as referências de vida, de intelectualidade do quilombo. Cazuzinha é um projeto educativo, um projeto de vida. Quando lembro da minha infância, percebo o quanto uma referência da história da comunidade me fez falta, pois quando conhecemos nossas histórias é libertador.

Depois que nasceu Cazuzinha veio o projeto -Palavras e Afeto no Quilombo, onde trago frases, textos, poesias sobre meu lugar; trazendo as narrativas, nosso dia a dia, as palavras que afetaram e afetam positivamente as pessoas do quilombo. Quando pensei nesse projeto ele veio da vivência que tive com meus mais velhos, sobre cada história que eles contam, sobre cada conversa, eles usam as palavras que tiram as percepções erradas que às vezes adquirimos em outros espaços que não valorizam os saberes do quilombo. Podem até pensar que é uma visão romântica, mas para mim na verdade é meu acalento, meu privilegio de sentir, vivenciar e escrever sobre meu sentimento, meu empoderamento, sobre meu lugar.

Figura 3 – Palavras e Afetos no Quilombo



Fonte: Arquivo pessoal.

Meu quilombo

Encanta com seu jeito de ser,
tem tudo que preciso.
É tão rico e mesmo assim sua
simplicidade é o que mais aprecio.

Traz ensinamentos no cotidiano
com seu jeito de cuidar de seus filhos e filhas.
Dando a cada um a liberdade que a sociedade
insiste em destruir.

Tem um carinho, cheirin, um jeitin, um sentir,
Tão seu que me sinto fortalecida a cada dia.
Meu QUILOMBO é imensidão
De vida e de paixão, cura e benção.
De história, cultura, luta de resistência.
Meu QUILOMBO meu mundo todin.

Além desses projetos, quando retornei para a comunidade, juntamente do meu companheiro Wendson – que também é estudante de Pedagogia – criamos um projeto para ajudar as crianças da nossa família nas atividades escolares, no período da manhã de 08 às 11h, estamos realizando atividades com eles.

Fotografia 25 – Projeto de apoio às atividades escolares.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na disciplina de Literatura Negra, conheci muitos livros potentes. Fiquei encantada com as indicações que a professora Jacqueline Costa nos apresentou. Depois, comecei a pesquisar e descobri que havia muitas opções, então conversei com a diretoria da associação para criarmos um projeto para reformar a biblioteca comunitária, comprar novos livros e brinquedos que trouxessem saberes da África, livros de literatura negra. Quando conseguimos uma doação feita pela a Global Giving FORD, a biblioteca criou uma característica. Essa foi uma conquista onde trabalhamos o fortalecimento negro e quilombola com as nossas crianças.

Fotografia 26 – Biblioteca comunitária quilombola.



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 27 – Acervo de literatura negra



Fonte: Arquivo pessoal.

Para finalizar quero trazer mais um projeto que é apoiado pela Fundação Baobá. Seu propósito é trabalhar o fortalecimento da identidade quilombola, com o título –Raízes do Quilombo: fortalecendo a identidade com histórias, saberes, fazeres e sabores!. Seu foco é desenvolver oficinas/rodas de conversas sobre temas que fazem parte da nossa trajetória como: Educação Quilombola; potências quilombolas; chás que curam; Café de Manjerioba, meu crespo é de rainha; sementes de crioulas, entre outras. Potencializar nossos saberes, nosso jeito de ser, de viver é um ato revolucionário e educativo.

Fotografia 28 - Primeira oficina: miolo de pote.



Fonte: Arquivo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nada é tão nosso quanto nossa história. Os caminhos que percorri indo para a Universidade e voltando para o quilombo me fizeram ter conexão profunda comigo e com os meus, com minha ancestralidade. Me fez fazer as pazes com os meus que haviam se distanciado; ter novos olhares sobre as coisas que eram e são importantes. Os saberes da comunidade que trago no meu fazer diário me fizeram perceber as potências que antes não conseguia enxergar; me fez entender o quanto meu quilombo tem de mim, fez e faz por mim; o quanto fortalece e o poder curativo que é oferecido para cada um de nós no nosso cotidiano.

Conhecer minha história através da narrativa dos meus mais velhos me potencializaram, direcionaram, me encaixaram no meu lugar, o qual a sociedade tentou me tirar, tentando me colocar em um contexto diferente. Falar sobre nossas raízes traz um encontro com o passado, onde no presente podemos detectar, conhecer e fortalecer para que no futuro possamos colher a plantação que faremos no hoje. Escrever sobre a vida no quilombo é conta a vida de muitos, pois estamos sempre na coletividade, mesmo que em alguns momentos traga algo só meu, percebo os meus presentes.

A minha trajetória educacional é repleta de acontecimentos que me acompanharão sempre, mas de uma coisa eu sei, os caminhos sempre se cruzam. Aprendi com meus mais velhos a respeitar a minha trajetória e se orgulhar do pertencimento que a mim foi ofertado, o jeito quilombola de ser quem sou. Importante observa que quando estava na escola de ensino fundamental e médio ainda não existiam as leis nº 10.639/03 e 11.645/08 e a Resolução da Educação Escolar Quilombola nº 08/12. Hoje podemos notar algumas diferenças nos espaços escolares na comunidade onde já se tem um diálogo, formações e uma juventude que já leva esse debate para a escola, então podemos perceber que avançamos. Mais ainda temos muita caminhada pela frente e vamos seguindo para que nossos mais novos possam dar continuidade a nossa história.

[...] a Escrivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrivência já demande outra leitura. Escrivência surge da prática literária cuja autoria é negra feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (EVARISTO, 2020, p.38)

Este trabalho é o fechamento de um ciclo, onde estive com muitas pessoas, em muitas situações, meu foco era o curso de Pedagogia, mas o tempo todo também estava focada ao

que estava ao meu redor. As perdas, os ganhos, as conquistas, os choros, as escritas, (re) descobertas estarão sempre no meu ciclo da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34. Disponível em: <https://repositorio.iscteuiul.pt/bitstream/10071/1239/1/13>.

ADICHIE; Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**, 2021, companhia das letras. São Paulo.

ADICHIE; Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**, 2021, Companhia das letras. São Paulo.

ALMEIDA; Silvio. **Racismo estrutural: feminismo Plurais**. Ed. Jandaíra, São Paulo, 2021.

BUENO, B. O. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Revista Educação e Pesquisa, v. 28, nº1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653>.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica**. Revista Educação PUC-RS v. 34, n. 2, 2011.

BRAGA, Osmar Rufino. **Autobiografização e formação de juventudes: uma reflexão sobre a produção da vida na periferia**. 2013. 371f. – Tese (Doutorado) –Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6040/1/2013-TESEORBRAGA>.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a Barbárie**. 1º ed. Boitempo, São Paulo, 2019.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. Brasília: MEC, 2004

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília: MEC, 2012.

EVARISTO; Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2016, Rio de Janeiro, Malê.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Histórias de Professores de Línguas e Experiências com Racismo: uma reflexão para a formação de professores**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE (Cascavel, Paraná, Brasil). Disponível em: <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero42/racismo.html>.

FERREIRA, Antonio Jeovane da Silva. **Identidade e territorialidade na comunidade de Alto Alegre/CE: Uma reflexão etnográfica sobre os processos de reconhecimento**

indenitário e territorial na década de 2005-2015. Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Redenção, 2017.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis.** São Paulo: Paz e Terra, 1994.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Editora Vozes Ltda. Petrópolis-RJ, 2017.

HOOKS; Bell. **Olhares negros raça e representação.** 1º edição, Fevereiro de 2019, São Paulo, Brasil.

HOOKS, Bell. **A educação como prática da liberdade.** 2º ed. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JESUS; Carolina Maria de. **Quarto de despejo; diário de uma favelada.** Edição comemorativa, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano.** 1º ed. Rio de Janeiro; Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação n.19 Jan-Abr 2002.

LIMA, Ivan Costa. **História da educação do negro(a) no Brasil: Pedagogia interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo.** 1º ed. Appris, Curitiba, 2017.

MATO, Daniel. **Educación Superior y Pueblos Indígenas y Afrodescendientes en América Latina: Las múltiples formas del racismo.** EDUNTREF. Chile.

NASCIMENTO, A. D., and HETKOWSKI, T. M., (orgs.) **Memória e formação de professores [online].** Salvador: EDUFBA, 2007.

NASCIMENTO, Francisca Marleide. **Interface entre a etnomatemática quilombista e a cultura das bordadeiras de Alto Alegre: Contributo descolonial para o currículo escolar.**

NOGUERA, Renato. **Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista.** Revista da ABPN, v. 3, n. 6, p.146-150, 2012.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul.** 2º ed. São Paulo; Companhia das letras, 2019.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Desafios da escrita Biográficas.** Universidade Estadual do Ceará, 1º edi. Fortaleza, 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação.** Revista Educação PUC-RS v. 34, n. 2, 2011, p. 147-156.

RIOS, Fábio. **Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo.** In: Revista INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, 5(1) p 1-22, 2013.

RIBEIRO; Djamila. **Cartas para minha avó.** 2021, Companhia das letras, São Paulo.

SANTANA; Bianca. **Quando me descobri negra.** SESI editora, 2015.

SILVA, Givânia Maria da. SILVA, Romero Antonio de Almeida. DEALDINA, Selma dos Santos. ROCHA, Vanessa Gonçalves da. **Educação Quilombola: Territorialidades, saberes e as lutas por direitos.** Jandaíra; São Paulo, 2021.

SOARES, Antonina Mendes Feitosa Soares. **Autobiografia e formação docente: caminhos e perspectivas para prática reflexiva.** Disponível em: http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2011/08/autobiografiaeformac3a7c3a3o-docente_caminhos-e-perspectivas-para-prc3a1tica-reflexiva.

ANEXOS

ANEXO A – MEMORIAL DESCRITIVO

Sou Tatiana Ramalho da Silva, 30 anos, nascida na comunidade Quilombola de Alto Alegre em Horizonte/CE. Tive uma infância na simplicidade do meu quilombo, mas com felicidade e livre. Quando era criança morava em uma casa grande feita de taipa (barro) e era pintada na cor amarela, tinha um alpendre grande, mas nosso banheiro era de tijolos (alvenaria). O terreno em que morávamos era grande e nele foi aberto um espaço para uma rua que dava acesso as mercearias em Queimadas – distrito em que a comunidade se localiza – o que fazia com que em nossa casa ocorressem muitos encontros familiares. Eu morava com meus avôs maternos e estes tinham muitas criações como galinha caipira, cabras, gados e vendia leite e carnes e, além disso, também tinham muitos cajueiros que na época nós juntávamos e meu avô assava. Era um momento em que toda a família ajudava e ele vendia as sacas de castanhas tanto assadas como cruas e eu vivia no meio de todo aquele movimento e gostava muito. Brincava muito com minha irmã e meus primos, aprontava, brigava muito, mas éramos muito unidos. Lembro que em minha turminha éramos uns 12 primos (as) e tinha o caçula que quando começou a andar nós passávamos a tarde juntos incentivando ele a dar os passinhos e ficava de lá para cá em uma estrada que ia da casa dos nossos avós para a casa de um tio. Tudo virava festa, sorrisos fáceis e brigas também. Nossa comunidade era composta principalmente por famílias negras e éramos assim identificados pelas famílias de fora. Elas trabalhavam para as famílias ricas da região que moravam em Queimadas, os Nogueiras e os Neris, sendo que algumas pessoas relatam que as crianças com sete anos de idade já trabalhavam para estas famílias e sofriam abusos, além de sofrerem preconceitos que até hoje existem cicatrizes desta época. No entanto, com a chegada dos americanos que eram missionários e tinham a missão de implantar igrejas evangélicas, trouxeram para a comunidade algumas mudanças como o Centro Social Batista, onde eles realizavam ações na comunidade como a distribuição de alimentos, roupas, sopões e rodas de conversa onde se tratava diversos assuntos e junto a isto foi construída também a Escola Batista de Alto Alegre, com apoio da prefeitura e o mais interessante era que os funcionários eram os próprios da comunidade. E foi onde estudei e de lá tenho boas lembranças. Recordo que comecei a reconhecer as letras, juntava e formava palavras o que até hoje sinto a sensação maravilhosa

de saber ler. Eu lia tudo que via, participava das brincadeiras de cirandas e existia uma torneira onde na hora da merenda fazia uma fila e cada professora saía com seus alunos para irmos lavar as mãos para o lanche, que muitas vezes era um ovo cozido com farinha. Lembro ainda das competições de carimbo que era realizado, de pega e cola etc. Eram muitas risadas, muitos atos de carinho, confiança doce que em fazem lembrar daquele lugar. Até que o município construiu outra escola e nos transferiu para lá, a escola municipal Olímpio Nogueira Lopes. Sempre fui uma aluna ativa, fazia apresentações no desfile 07 de Setembro e sempre representava alguma coisa. Minhas notas eram boas e nessa época eu gostava muito de ler e escrever, tinha muitos livros, fazia coleção de papéis e também tinha vários cadernos onde eu anotava meus pensamentos, sentimentos, sonhos e gostava tanto de estar com caderno e caneta nas mãos que até pensei em ser escritora quando –crescessell. Terminando meu ensino fundamental fui cursar o Ensino Médio na Escola José Bonifácio de Queiroz, o famoso JBQ, que ficava em Queimadas. Era um sonho realizado, pois eu e minhas amigas achávamos que seria o topo para nós. Ele era um anexo da escola Raimundo Nogueira que fica no centro de Horizonte. Lá fortalecemos mais ainda as amizades feitas na escola Batista e conquistei novas amizades também. Durante o Ensino Médio passei por problemas familiares, principalmente pela perda de entes queridos o que me desestabilizou o suficiente para ter um rendimento baixo, mas sempre fiz trabalhos e participava de feiras de ciências para conseguir recuperar as notas. E novamente, diante de algumas dificuldades, quando faltavam cinco meses para o término do terceiro ano tive que desistir dos estudos. Mas senti a necessidade de terminá-los, então me inscrevi no CEJAH – Centro de Educação de Jovens e Adultos de Horizonte, que mesmo com dificuldades consegui conclui o Ensino Médio. Um dia resolvi fazer o vestibular, pesquisei algumas universidades, onde a UNILAB foi uma opção e na época me interessei pelo curso de Administração Pública, mas acabei indo fazer o vestibular na Estácio de Sá, pois tinha uma amiga que na época estava estudado lá e me deu ótimas referências. Então fui e prestei o vestibular para Serviço Social, passei, fiquei muito feliz, mas não conclui nem o primeiro semestre, pois a minha realidade financeira não ajudou, então tive que deixar esse sonho de lado. Enquanto tudo isso acontecia passei a desenvolver trabalhos na comunidade. Em 2005 foi o reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares e até um ano antes não se falava e não se compreendia que éramos quilombolas. Para esse reconhecimento a Professora Cecília Holanda começou a vir na comunidade, fazendo uma pesquisa e nas falas dos mais antigos descobrimos que somos descendentes de um negro africano que veio da África e que casou com uma índia que era da aldeia dos Paiacus, que ficava no município de Pacajus – CE. Meu avô paterno, Cirino Augustinho é bisneto de Negro Cazuzza – o fundador

da comunidade. Depois do reconhecimento os mais velhos começaram a contar as histórias, e eu que já estava com a idade de 15 a 16 anos, não entendia, mas as crianças daquela época já começaram desde cedo a ouvir e conviver com as manifestações culturais. Assim eu passei a acompanhar o meu tio, conhecido como Nego do Neco, nas reuniões e em 2007 foi minha primeira aproximação com a ARQUA (Associação dos Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre e Adjacências) por causa de um curso de artesanato com a palha de carnaúba e desde então permaneci no movimento. Fui representante de dois grupos de produção na comunidade, um das bonequeiras do quilombo, que formou um curso de produção de bonecas negras de tecidos e de trufas negras, onde se produziu trufas de chocolate. Em 2013, com a mudança de gestão da ARQUA, fiquei auxiliando com os documentos dos sócios comunitários e todos os dias fico no Centro Cultural Quilombola Negro Cazuzá, que foi uma grande conquista da comunidade e onde a associação está inserida. Desde então estou na coordenação do espaço, organizando as oficinas de capoeira, teatro, dança e também acompanhando o desenvolvimento de projetos de fortalecimento da identidade como a Banda Afro Alegre. No espaço, contamos com visitas de alunos, instituições etc., há a contação de história da comunidade e também fazemos passeios nas casas de alguns anfitriões da comunidade. Também faço a limpeza do espaço, cuidado do equipamento, pois não há funcionários, além de que o Centro Cultural foi entregue para a comunidade, então faço trabalho voluntário e com muito amor. Ter a oportunidade de representar a minha comunidade e de cuidar de nosso patrimônio foi pra mim um lindo presente. Mesmo fazendo todas essas coisas, foi somente em 2016 que eu participei do Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará e me encantei, sempre digo que foi ali, naquele momento, que renasci e me tornei uma mulher negra, preta e Quilombola. Se já fazia tudo com amor, depois daquele momento tudo dobrou e inclusive fui convidada a fazer parte da CEQUIRCE – Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará, o que atualmente coordeno, em parceria, a célula da juventude, empreendedorismo, mulheres e gênero. Tenho orgulho do meu povo, das histórias, das lutas que travamos todos os dias e que me fazem mais forte. Sei por quem choro, por quem busco melhorias e suporte as adversidades por acreditar que existe uma nova geração que vem para nos suceder e por isso temos que nos fortalecer para que eles vejam a luta quilombola. O ingresso na Unilab será a continuação das muitas boas ações que já alcançamos. Hoje, sabemos o quanto é importante uma formação superior e em se tratando de negro (a), preto (a) e Quilombola mais ainda. Apesar de termos conquistado muitos direitos a realidade dos/das quilombolas na Universidade têm muito o que melhorar, pois existem dificuldades muito particulares. Esse edital da UNILAB é muito especial para nós, uma

conquista linda que deve muitos corações juntos em cada roda de conversa, muito compartilhamento de sonho. O curso de Pedagogia tem um significado todo especial para mim, pois minha mãe, Maria José Alves da Silva foi uma das primeiras professoras da comunidade, ela faleceu quando ainda tinha 01 ano e 05 meses de nascimento. Ainda hoje ouço histórias que os alunos dela contam e afirmam que ela era muito amorosa, paciente, tratava muito bem seus alunos. Ela ensinava na escola Batista e também ensinava os adultos, apesar de sua pouca afirmação já que tinha apenas a 5ª série. Quando criança, sempre brinquei de ser professora, mas esse sonho foi esquecido até que em uma noite comecei a pensar na minha mãe e tive uma sensação de um novo despertar e foi a primeira vez que pensei na possibilidade de fazer um curso de pedagogia e disse: -mãe vou seguir seus passos. Desde este dia passei a ter várias ideias de projetos para a primeira infância e vi que a educação para nossas crianças é fundamental para a formação da identidade quilombola e também da representatividade, o que se traduz no nome do próprio Centro de Educação Infantil que leva seu nome. Hoje entendo que se ensinarmos nossas crianças a partir da história da própria comunidade, de forma que elas vivenciem nossa cultura e as perspectivas certas, teremos futuramente defensores da causa negra, conhecedores de nossa trajetória e terão pertencimento de suas raízes fortalecidas, o que a partir de uma pedagogia diferenciada poderemos mudar nossa atual realidade. Para se ter quilombolas empoderados é preciso começar pela educação, com a formação de professores quilombolas para assim retomar nossas escolas e implantar um modelo de educação diferenciada.

ANEXO B – BIOGRAFIA DA SRA. ANTÔNIA RAMALHO DA SILVA

A escola estadual quilombola homenageia como sua patrona, por indicação da própria Comunidade Quilombola de Alto Alegre, localizada no município de Horizonte – Ceará, a Sra. Antônia Ramalho da Silva, também conhecida como Tia Antônia ou Irmã Antônia. Suas contribuições comunitárias enquanto artesã, educadora leiga e símbolo de resistência da mulher negra quilombola são muito expressivas. Filha de João Ramalho da Silva e Virginia Izabel Ramalho, Tia Antônia nasceu no dia 14 de setembro de 1937, tendo sua naturalidade registrada no município de Pacajus. Com o conhecido senhor Cirino Agostinho da Silva (in memoriam) alimentou um harmonioso casamento que durou até os seus últimos dias de vida, vindo a ter 07 filhos: Elizabeth Agostinho do Nascimento, Elizete Agostinho da Silva, Elizenete Agostinho da Silva, Aldenir Ramalho da Silva, Aldenor Ramalho da Silva, Aldemir Ramalho da Silva e Antônio Almir Ramalho da Silva, além de 29 netos, 25 bisnetos e 02 tataranetos. Embora tenha estudado o ensino primário, Tia Antônia não aprendeu a ler e escrever. Por isso, afirmava com frequência que a única cobiça que tinha era em relação a pessoas que detinham a tão sonhada habilidade que ela ainda não dominava. Em vida, foi uma pessoa muito religiosa, fazendo parte da Igreja Assembleia de Deus, que, por sinal, está localizada ao lado da sua residência, na propriedade da família. Mesmo não sendo alfabetizada, quando ia à igreja, conseguia localizar na bíblia os capítulos e versículos indicados pelos pastores e ministros. Quando se sentia insegura, tinha o costume de perguntar para alguém próximo se havia acertado e, ao saber que sim, ficava muito feliz. Apesar das limitações, sempre incentivou para que os filhos e os netos estudassem e não tivessem a mesma dificuldade que enfrentou a vida toda. Tia Antônia recebia com bastante frequência estudantes das escolas locais e pesquisadores de universidades com o intuito de conhecer a comunidade quilombola. Como tinha prazer em conversar e contar as histórias das antigas gerações, sempre recebia a todos com carinho e atenção, compartilhando seus conhecimentos e tornando-se uma importante referência sobre a história e a trajetória quilombola em Alto Alegre. O seu desejo de ler e escrever sempre foi muito vívido, o que levou à sua participação na primeira turma do Projeto Alfabetização – Lêbertando, com foco na leitura e na escrita para a pessoa idosa sem acesso à alfabetização e realizado na própria comunidade quilombola em parceria com a Prefeitura Municipal de Horizonte. A sua imagem pode ser lembrada pela figura de uma mulher forte que aprendeu, já com idade avançada, a reconhecer e a valorizar a cor da sua pele negra, o seu cabelo crespo e a sua história quilombola. Junto a isso,

se eterniza a imagem de quem sempre gostou de fazer trabalhos manuais, especialmente com o artesanato de palha. Sempre estava ocupada, criando, pensando, produzindo e transmitindo conhecimentos que ultrapassavam o espaço formal escolar, um saber afetivo, fruto das suas experiências, mas amplamente reconhecido. Às tardes, Tia Antônia gostava de ficar ao pé da calçada logo em frente à sua casa, local que lhe permitia não só observar toda a sua comunidade, como também abençoar todos àqueles que por lá passavam. Seu falecimento ocorreu em 07 de outubro de 2019, sendo velada na própria comunidade quilombola em que vivia, com toda a família ao redor, aos 82 anos de idade. Alto Alegre, Horizonte, 03 de novembro de 202.

APÊNDICE – FOTOS



Reuniões na Associação Quilombola



Nego do Neco, Tainara, Cicero Luiz e eu compartilhando sobre a nossa entrada na Unilab.



Associação dos Remanescentes dos Quilombos de Alto Alegre e Adjacências.



Primeiro passeio com a Carlinha em Redenção.



Ana Eugenia colaborando com a disciplina de Educação Escolar Quilombola



Laylson, Lucas (indígena), Tainara, Clara(indígena) e Gustavo.



Marleide, Tainara, eu, Samara (indígena) Gustavo.



Mesa de diálogo com estudantes indígenas e quilombola, 2018.



Reunião C.A pedagogia, 2018.



Reunião com estudantes indígenas e quilombolas, antes da pandemia 2020.



Reunião de articulação dos estudantes quilombolas





Wendson e eu, formatura do BHU, 2019.



Eu, Marleide e Jeovane, na Argentina em, 2019.



Participando do colóquio sobre racismo no ensino superior na Argentina